



ESTUDO DAS NOVAS MÍDIAS: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO INICIAL DO JORNALISTA

Letícia Arantes Jury¹
leticiajury@gmail.com

O presente artigo traz o resultado de um estudo realizado com estudantes do curso de Jornalismo de uma faculdade privada no município de Anápolis, do primeiro e segundo períodos da disciplina de Estudo das Mídias, de agosto a dezembro de 2018, com objetivo de investigar o grau de conhecimento teórico e prático dos mesmos quanto a cultura da conexão, novas mídias, redes sociais, habilidades práticas de utilização dos canais e conhecimento teórico das estratégias de comunicação e marketing das mídias digitais. Perspectivas e desafios do ensino de novas tecnologias para as fases iniciais dos cursos de Comunicação.

Palavra-chave: Novas Mídias. Conhecimento. Teoria e Prática. Desafios.

1. Introdução

A história do jornalismo é marcada pelas inovações, desde a prensa de Gutenberg aos mais modernos aplicativos. Os espaços multidimensionais, como cita Santaella (2013), multifacetados, que podem reforçar, incrementar e disseminar conhecimento influenciam o fazer jornalístico e a formação universitária. “Redes sem fio e, conseqüentemente, móveis são a tônica tecnológica do momento” (SANTAELLA, 2013, pp. 15).

Como os estudantes de jornalismo são preparados para lidar com esta realidade da profissão perpassada por oportunidades e desafios? Esta é a pergunta que este estudo busca responder. Comunicação ubíqua, pervasiva e, ao mesmo tempo, corporificada e multiplamente situada na internet das coisas e sua relação com o ensino-aprendizagem no campo da comunicação.

A hipermobilidade cria espaços fluidos, múltiplos não apenas no interior das redes, como também nos deslocamentos espaço-temporais efetuados pelos indivíduos. Hipermobilidade conectada redundando em ubiquidade desdobrada. Ubiquidade dos aparelhos, ubiquidade das redes, ubiquidade da informação, ubiquidade da comunicação, ubiquidade dos objetos e dos ambientes, ubiquidade das

Letícia Arantes Jury. Mestra em Comunicação, Cultura e Cidadania (FIC-UFG). Esp. Em Assessoria de Comunicação e Marketing (FIC-UFG). Esp. Em novas tecnologias aplicadas a Educação (Cândido Mendes – RJ). Professora de Estudo das Mídias do curso de Jornalismo da Faculdade Metropolitana de Anápolis.



idades, dos corpos, das mentes, ubiquidade da aprendizagem, ubiquidade da vida no escoar do tempo e que é vivida. (SANTAELLA, 2013, p. 15).

Santaella (2013) nos diz que além das implicações econômicas, políticas, as transformações afetam a cognição humana e produzem repercussões cruciais na educação, e a deixa em prontidão. Gabriel (2013) enfatiza que em função da aceleração no ritmo de mudanças das últimas décadas, o ambiente tem se modificado muito rapidamente, e isso cria a necessidade da constante atualização, aprendizado e educação para que as pessoas consigam atuar em meio as rápidas transformações, o que muda completamente, na avaliação da autora, a cultura da educação. “Hoje a necessidade de atualização constante requer que todos estudem o tempo todo, independentemente da idade que tenham” (GABRIEL, 2013, p. 100).

Gabriel (2013) enumera que as principais mudanças de paradigmas na educação em função das transformações tecnossociais das últimas décadas são: a educação contínua, o que passa a ser um processo natural e constante de sobrevivência; a educação fragmentada, em que as pessoas estão expostas a diferentes conteúdos provenientes de diferentes fontes; a educação distribuída, o que permite a conexão, colaboração e troca de informações; educação personalizada, em qualquer parte do mundo pode se ter acesso a conteúdo por meio da EAD; Aprendizagem ativa, dinâmica e participativa; estudantes híbridos focados na articulação do conhecimento e não na simples memorização. E por fim ela destaca o professor interface, aquele que tem como principal habilidade escolher a informação correta em cada situação, validar, organizar, extrair significados, refletir e solucionar problemas.

Especificamente no campo do jornalismo, Melo (2009) nos diz que a internet é um enigma que desafia os profissionais e pesquisadores. A velocidade foi o fator que transformou a fisionomia do jornalismo no século XX. “Ao catalisar a convergência midiática, a internet provoca uma revolução ainda não plenamente configurada” (MELO, 2009, p. 33).



A internet ajuda significativamente o jornalista, desde que ele saiba usá-la como fonte informativa. Isso pressupõe redobrar a vigilância na checagem dos dados difundidos justamente para separar os fatos de suas versões. (MELO, 2009, p.34).

Para Melo (2009), todo novo meio de comunicação exige uma linguagem apropriada, mas no caso da internet a situação é complexa, pois se trata de uma mídia para qual convergem os demais veículos e cujo conteúdo reproduz literalmente as linguagens originais das suas fontes geradoras. Ele também pontua que estamos vivendo uma das mais significativas crises na história acadêmica da Comunicação e ressalta o desafio inovador que cabe a nova geração de recriar o jornalismo.

Diante do exposto é que propomos uma investigação quanto ao ensino-aprendizado dos acadêmicos do primeiro e segundo períodos, da disciplina de Estudo das Mídias do curso de Jornalismo, de uma instituição privada do município de Anápolis, cidade do interior de Goiás, em que o estudo se dividiu em análise de Seminário sobre tecnologia, mídias sociais e transformações no jornalismo; aplicação de questionário contendo 11 perguntas objetivas e subjetivas; produção de vídeos para o canal do Youtube e estudo de textos sobre inovação e empreendedorismo nas redes sociais.

2. Desafios das Formação

Morin (2011) apresenta os sete saberes necessários a educação do futuro e nos diz que é importante ter o pensamento complexo, ecologizado, capaz de relacionar, contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida. “A humanidade precisa de mentes mais abertas, escutas mais sensíveis, pessoas responsáveis e comprometidas com a transformação de si e do mundo” (MORIN, 2011, p.13).

Neste sentido, ele aponta como fundamental a criação de espaços dialógicos, criativos, reflexivos e democráticos; além de novas práticas pedagógicas para

uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar.

Este é um dos desafios no ensino de jornalismo em meio as novas tecnologias. Como despertar no discente a transdisciplinaridade e a utilização dos espaços dialógicos como ferramentas importantes para o exercício profissional de forma ética e com valores de cidadania?

Sodré (2012) nos dá algumas pistas ao dizer que sem a dimensão cultural a tecnologia fecha-se narcisicamente em torno de si mesmo, exercendo efeitos de fascinação pela eficácia do desempenho técnico, que contempla a cognição individual, mas recalçando o vínculo com a comunidade e com o entorno socio histórico.

Impõe-se assim, a criação de um novo real, ajustável aos novíssimos horizontes da hegemonia do capital. A cultura eletrônica ganha importância estratégica. Ao incorporar todas as técnicas de reprodução imagística desenvolvidas na modernidade, as tecnologias eletrônicas da informação e da comunicação invadem o campo existencial do sujeito com projetos de absorção, oferecendo-lhe um espaço/tempo simulado. Amplia-se a ordem dos simulacros modernos: a realidade histórica vivida pode ser reduzida a aparição puntiforme de impulsos eletrônicos. Assim como a fotografia deve mais a química do que aos processos clássicos de representação, a imagem contemporânea deve tudo a eletrônica. É desta natureza física o espaço que se expande com o progresso acelerado da tecnologia eletrônica. (SODRÉ, 2012, p. 163).

Neste cenário, cada cidadão é virtualmente um espião e um espionado. E segundo Sodré (2012, p.168), passa do discurso dual à relação discursiva com a massa anônima, em que o novo espaço público é uma esfera culturalizada por corporações editoriais e de mídia, que convertem a vida pública em ato público. “A interação, semioticamente regida pelo modelo de uma massa anônima e

heterogênea, dá lugar a interatividade, que implica um processo de apropriação da tecnologia da comunicação pelos usuários” (SODRÉ, 2012, p.171).

Na avaliação de Schwingel (2012), o processo de produção no ciberjornalismo corresponde à adequação do fazer jornalístico às dinâmicas do ciberespaço e também desperta a atenção para os avanços da tecnologia, que permite a inserção do usuário no processo de produção, e as facilidades de publicação de conteúdo na internet, que possibilitam a qualquer um disponibilizar informações. “São indicativos do grau de complexidade enfrentado pelas teorias da informação e da comunicação” (SCHWINGEL, 2012, p. 75).

Nesta mesma linha de reflexão, Resende (2006) contribui com o nosso estudo ao apresentar que o homem contemporâneo se faz sujeito pela via da ação, se tornam atores da comunicação e não só têm rostos, mas também bocas, “porque bradam por todos os cantos e de todas as formas possíveis”.

A reflexão sobre a Comunicação Social, dessa forma, parte do pressuposto de que tanto o veículo jornal quanto o jornalista sejam, na contemporaneidade, articuladores – concomitantes à existência de vários outros- das relações sociais que se estabelecem no espaço público contemporâneo. Contexto complexo, rico em variáveis comunicacionais que, muitas vezes, parecem ter inviabilizado uma ação comunicativa integradora (RESENDE, 2006, p. 188).

Perpassando por todas estas reflexões sobre saberes, novos processos educacionais e o ensino de jornalismo no contexto de tecnologias da informação e da comunicação, apresentamos a seguir síntese de experimentações em sala de aula, com acadêmicos do curso de Jornalismo diante das possibilidades de ensino e aprendizagem em mídias digitais.

3. Análise dos Dados

A primeira aula teve como proposta apresentar aos acadêmicos, o termo cunhado por Jenkins (2009), ‘convergência’, que é o fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de

entretenimento que desejam. “Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando” (JENKINS, 2009, p.29)

Os estudantes foram despertados para a ‘cultura participativa’, que conforme expõe Jenkins (2009), contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Ao invés de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, os mesmos são considerados agora como participantes que interagem de diferentes formas. E a própria convergência passa a mudar a forma de gestão das empresas de mídia, assim como a produção de conteúdo, o que para os futuros jornalistas é fundamental pensar nesta nova perspectiva profissional.

Após a apresentação da disciplina e do primeiro texto trabalhado, ‘Conceitos precursores da narrativa transmídia’, de Mittermayer (2017) tiveram início as apresentações do Seminário, com temas conforme ‘Plano de Aula abaixo’. Cada grupo, contendo no máximo quatro alunos, falou sobre o tema e entregou uma resenha. Durante o último encontro foram analisados dois textos fundamentais para a discussão teórica dos temas, Jenkins (2009) e Castells (2017).

| Enc. | Tema | Objetivos |
|------|--|---|
| 1º | MITTERMAYER, Tiago. Conceitos precursores da narrativa transmídia. In: Narrativa Transmídia: uma releitura conceitual. São Bernardo do Campo: Editora COD3S, 2017. | Apresentar conceitos teóricos sobre Cultura da Convergência e da Conexão; e Narrativa Transmídia. |
| 2º | SALGADO, Daniel;MELLO,Igor;RAMOS,Marcella. O lixo da Rede. In: Revista Época, Rio de Janeiro, Ed.1044, 2018. CRIVELLARO, Débora. O pecado das | - Despertar a atenção do aluno quanto a ausência de privacidade na rede; a segurança na internet; os crimes de difamação, calúnia |

| | | |
|----|--|---|
| | <p>curtidas. In: Você S/A, São Paulo, Ed.240, 2018.</p> <p>JASPER, Fernando. Tecnologia vai modificar drasticamente o mercado de trabalho até 2020. In: Gazeta do Povo. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/economia/tecnologia-vai-modificar-drasticamente-o-mercado-de-trabalho-ate-2020-99hu8trb8qx77raqde5r2oh68. Acesso em: 18 jul 2018.</p> <p>MASSON, Celso. A inteligência artificial nos torna mais humanos. In: ISTOÉ, São Paulo, Ano 40, Ed. 2485. pp 6-10.</p> | <p>e injúria, que são cometidos na internet.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abordagem sobre o mercado de trabalho com a ascensão da internet. Oportunidades e desafios; - Mecanização e robotização. |
| 3º | <p>FRAGA, Nayara. Amiga ou falsiane? In: Época Negócios, Rio de Janeiro, Ed.131, 2018. pp. 83-85.</p> <p>ORTELLADO, Pablo. Legados de Junho. In: Revista Época, Rio de Janeiro, Ed. 1041, 2018.</p> <p>EVELIN, Guilherme. 11 perguntas para Castells. In: Revista Época, Rio de Janeiro, Ed. 1043, 2018.</p> <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. O Brasil entra no circuito de esportes eletrônicos. Rio de Janeiro, Ed.135, 2018.</p> <p>MATSURA, Sérgio. Tecnologia cria mais empregos do que destrói, aponta estudo. In: O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/tecnologia-cria-mais-empregos-do-que-destrui-aponta-estudo-17228160. Acesso em: 18 jul 2018.</p> <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. Privacidade e Inovação não são opostos. Rio de Janeiro, Ed.135, 2018.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Movimentos sociais na internet; potencialidades e novos campos de trabalho; estratégias de utilização da rede para as atividades profissionais; riscos e inseguranças na rede. |
| 4º | <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. Sem fórmula pronta. Rio de Janeiro, Ed.135, 2018.</p> <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. Não rompa a corrente. Rio de Janeiro, Ed.135, 2018</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Nova economia mundial, as criptomoedas; o empreendedorismo juvenil com as novas mídias; mudanças de conceitos e |

| | | |
|-----------|--|---|
| | <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. Primavera digital. Rio de Janeiro, Ed.135, 2018.</p> <p>ÉPOCA NEGÓCIOS. Os blockers do blockchain . Rio de Janeiro, Ed.135, 2018.</p> <p>FINCO, Nina. O poder dos ultrajovens. In: Revista Época, Rio de Janeiro, Ed. 1039, 2018.</p> <p>SILVEIRA, Mauro. Você pensa como profissional digital?In: Época Edição Especial. Ed. 12, 2017.</p> | <p>perspectivas profissionais.</p> |
| <p>5º</p> | <p>MENDONÇA, José Eduardo. O conflito entre jornalismo e tecnologia. Disponível em https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-conflito-entre-jornalismo-e-tecnologia-por-jose-eduardo-mendonca/. Acesso em 14 ago 2018.</p> <p>SARAIVA, FERNANDES E LOURENÇO. Tecnologia e mudança no mercado de trabalho fazem profissões acabarem. Disponível em http://especiais.correiobraziliense.com.br/tecnologia-e-mudancas-no-mercado-de-trabalho-fazem-profissoes-acabarem.</p> <p>Twitter muda política e usuários devem registrar queda em seus seguidores. Disponível em: https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,twitter-vai-esconder-perfis-fraudados-na-rede-social,70002398470.</p> <p>Projetos de tecnologia viram realidade com ajuda do financiamento coletivo. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/projetos-de-tecnologia-viram-realidade-com-ajuda-do-financiamento-coletivo,72c1dedd91dbc1abod365c5ccb50aa4931e8wfiv.html</p> | <p>- Como o jornalismo tem sido impactado pelas novas mídias; mudanças de paradigmas na área de comunicação; como o profissional deve se preparar para esta nova era da informação e qualificação profissional; redes sociais; empreendedorismo coletivo; novos projetos de comunicação; robotização.</p> |

| | | |
|----|--|--|
| | <p>Pornô de vingança com deepfakes: porque precisamos nos preocupar com isso. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-44874691.</p> <p>Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. Disponível em https://www.folhape.com.br/economia/economia/tecnologia/2018/07/18/NWS,75357,10,476,ECONOMIA,2373-FACEBOOK-CHEGA-127-MILHOES-USUARIOS-MENSAIS-BRASIL.aspx.</p> <p>Consultoria cria robô para tirar dúvidas sobre marcas. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/consultoria-cria- robo-para-tirar-duvidas-sobre-marcas.shtml.</p> | |
| 6º | <p>JEKINS, Henri. Introdução: “Venere no altar da Convergência”. In: Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009.</p> <p>CASTELLS, Manuel. In: Redes de Indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. A transformação do mundo na sociedade rede.</p> <p>LEME, Alvaro. A internet é uma ilusão. In: Revista Veja. Ago. 2018.</p> | <p>- Conhecimento teórico necessário, o pensamento de Jenkins (2009) e Caetells (2018) sobre a internet e cidadania.</p> |

Fonte: Jury, 2018.

No mês de outubro, foi aplicado um Questionário contendo 11 perguntas, sendo seis objetivas e cinco subjetivas. A primeira para mensurar qual o grau de conhecimento sobre novas mídias antes de entrar na Faculdade de Jornalismo, em que 80% dos entrevistados revelaram ter um conhecimento mediano e 20% sabiam pouco sobre o assunto.

A segunda pergunta indagava se o aluno já havia lido livros sobre tecnologia, mercado de trabalho e novos desafios para a comunicação, em decorrência do advento das novas mídias e redes sociais. 68% revelaram que leram pouca coisa sobre o tema, 20% médio e 12% muitos livros.



Na terceira pergunta, os alunos foram questionados sobre o conhecimento acerca das potencialidades de ‘todas as redes sociais’ existentes na atualidade. 8% disseram conhecer pouco sobre redes sociais, 70% responderam ter um conhecimento médio e 22% revelaram ter muito conhecimento.

O questionário trouxe como primeira pergunta subjetiva, quais as redes sociais mais acessadas, sendo que Youtube, Facebook e Instagram foram as mais citadas. Outra pergunta foi se a Faculdade de Jornalismo oportunizou o conhecimento das novas mídias, em que 100% dos entrevistados disseram que sim. Quando questionados sobre o conhecimento acerca da rede social *Linkedin*, 70% disseram desconhecer a rede social.

Outro assunto abordado no questionário foi quanto a relação entre sociedade e tecnologia, em que 70% dos alunos disseram que a população em geral possui pouco conhecimento sobre novas mídias; apenas 20% acreditam que a sociedade entende as tecnologias como ferramentas para melhorar o cotidiano, tanto na vida pessoal quanto profissional.

Ainda nesta abordagem social da tecnologia, 66% disseram acreditar que a tecnologia é capaz de reduzir desigualdades, no entanto, 70% também avaliam que a tecnologia pode aumentar as desigualdades. Especificamente sobre se a tecnologia é benéfica ou maléfica ao jornalismo, 100% disseram ser benéfica, pois “ajuda a rápida divulgação das notícias”, “em termos da dimensão que a notícia pode chegar”, “é mais um meio de se comunicar, de forma mais fácil e rápida”, “rapidez na apuração da notícia”, “o jornalismo se expande”, “agilidade, qualidade e profissionalismo”, “interliga a comunicação, o jornalista e a sociedade”, “acesso a informação a tempo real”. No entanto, todos citaram as *Fake News* como consequência lesiva da tecnologia para o jornalismo.

Um aspecto que despertou a atenção no mês de novembro, que antecedeu o término da disciplina foi a atividade prática, em que os alunos divididos em grupos teriam que produzir um vídeo, de no máximo cinco minutos, sobre um



tema a escolher. Para avaliar a atividade, seriam levados em consideração os seguintes tópicos: linguagem, estrutura do vídeo, edição, criatividade na escolha do tema, público-alvo, postura de apresentação.

Os vídeos que foram produzidos demonstraram como os acadêmicos têm afinidade com as novas mídias e souberam não apenas gravar os vídeos com qualidade, como utilizar os aplicativos de edição. Os temas foram criativos, sobre relação de gênero; preconceito; emancipação e empoderamento da mulher; ações sociais e filantropia; esporte.

A escolha dos cenários, como o estúdio de rádio da faculdade, até a sala de televisão da casa, em um ambiente descontraído em que o bate-papo aconteceu no sofá, com as pernas cruzadas e com a utilização de almofadas, demonstrou que os alunos entendem sobre público-alvo e forma de prender a atenção. A experimentação foi importante, pois mesmo de forma embrionária, sem muito conhecimento e técnicas de jornalismo, os acadêmicos puderam ter o primeiro contato com elaboração de pauta, linguagem, tempo de duração, alcance e audiência, além de despertar a atenção dos alunos para a produção de jornalismo em meios alternativos.

4. Conclusão

O estudo revela que por serem nativos digitais ou *milenail*, os estudantes, a grande maioria, tem uma expressiva facilidade de manuseio da tecnologia, no processo de edição de imagens, na gravação de vídeos, tendo uma boa expressão oral e facilidade para produzir canais de *Youtube*. A maioria dos alunos também demonstra conhecimento acerca da funcionalidade das redes sociais enquanto ferramentas de comunicação e marketing.

No entanto, têm dificuldades em escrever artigos opinativos, como foi a prova final, com conhecimento teórico ainda insuficiente sobre o atual contexto e momento vivido pela comunicação, diante das exigências atuais. Ainda não possuem a visão crítica e estratégica da importância e do impacto das novas

mídias em sua realidade profissional e pouco tem se dedicado ao estudo teórico das novas mídias e influência no campo do Jornalismo.

No entanto, a disciplina cumpriu com a sua finalidade de despertar, como nos diz Morin (2011), para a criação de espaços dialógicos, criativos e reflexivos em sala de aula com o objetivo de estudar as novas tecnologias e investir na formação do aluno para os desafios da profissão. E ao mesmo tempo, para a atividade docente, demonstrou a necessária mudança de paradigmas, de como utilizar a inovação como método de ensino-aprendizagem; como acompanhar as novas tecnologias e os impactos para o jornalismo; e a necessária mediação de conflito entre teoria e prática.

Ao final, todos os envolvidos entenderam que os modelos atuais de comunicação e de mídia devem ser reelaborados, readequados, repensados; não serão extintos, uma tecnologia não necessariamente substitui a outra, mas há uma necessidade de reinvenção, assim como da própria profissão. Experimentações simples, em um curto espaço de tempo, apenas seis meses, mas que nos dão pistas de como é importante trabalhar o estudo das novas mídias nos primeiros períodos do curso de Jornalismo.

Referências

- GABRIEL, Martha. Educação 2.0. In: Educar. São Paulo: Saraiva, 2013. pp. 99-104.
- JENKINS, Henry. Introdução. In: Cultura da convergência. 2^a Ed. São Paulo: Aleph, 2009. pp. 27-53.
- MELO, José Marques. Jornalismo na internet. In: Jornalismo, forma e conteúdo. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. pp. 31-39.
- MORIN, Edgar. Conferência Internacional sobre os sete saberes necessários à educação do presente. In: Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011. pp.13.
- RESENDE, Fernando. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. In: Recepção midiática e espaço público: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006. pp. 179-198.



SANTAELLA, Lucia. Hiper mobilidade e Ubiquidade Desdobrada. In: Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. pp. 15-16.

_____. Cognição, Cultura e Educação. In: Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. pp. 18-23.

SCHWINGEL, Carla. O processo de produção do ciberjornalismo. In: Ciberjornalismo. São Paulo: Paulinas, 2012. Pp. 69-126.

SODRÉ, Muniz. Tecnologia e diversidade. In: Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pp. 155-230.